

3 - Estudo diacrônico do pretérito perfeito no português do Brasil

Juliana Bertucci Barbosa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BARBOSA, JB. Estudo diacrônico do pretérito perfeito no português do Brasil. In: COSTA, DS., org. *Pesquisas linguísticas pautadas em corpora* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 85-110. ISBN 978-85-68334-41-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

3

ESTUDO DIACRÔNICO DO PRETÉRITO PERFEITO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

*Juliana Bertucci Barbosa*¹

Introdução²

“O passado é por definição, um dado que coisa alguma pode modificar. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que ininterruptamente se transforma e se aperfeiçoa.”

*(Marc Bloch)*³

Neste capítulo, dando continuidade aos estudos pautados em *corpus*, faremos uma “viagem diacrônica” na história da variedade brasileira, buscando realizar um estudo descritivo-comparativo das possíveis variações e/ou mudanças nos usos do Pretérito Perfeito Simples (PPS) e no Pretérito Perfeito Composto (PPC) no Português Brasileiro (PB) escrito desde a sua origem, século XVI⁴, até o

1 Professora da Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

2 Neste capítulo, apresentamos resultados parciais da minha tese defendida na Unesp, Campus de Araraquara, no ano de 2008 e indicada ao Prêmio Capes de Teses no ano de 2010.

3 Bloch, M. *Introdução à história*. Lisboa: Publicação Europa-América, p.55.

4 Cabe lembrar que as manifestações escritas no século XVI ainda não constituíam PB, e nem sempre eram escritas por brasileiros, por isso, adotamos como critério selecionarmos apenas textos escritos no Brasil por portugueses

contemporâneo, século XX. É por meio de uma análise diacrônica que podemos identificar o momento de aparecimento (ou morte) de uma determinada variante linguística, e/ou suas variações de usos, que podem implicar em uma mudança.

Com base, então, nos princípios de variação e mudança, verificaremos se houve uma especialização no emprego da forma composta ou se ela nunca possuiu o mesmo uso encontrado em outras línguas românicas (valor de pretérito e valor aspectual perfectivo/acabado). Dessa forma, visamos testar a nossa hipótese de caracterização do PPC e do PPS no qual atribuímos a essas duas formas a mesma definição temporal e as diferenciamos quanto aos seus valores aspectuais.

Estudos diacrônicos: o estudo da língua em tempo real

O foco principal da Linguística Histórica, que, está estritamente relacionada com a Sociolinguística, é o estudo das mudanças que ocorrem nas línguas ao longo do tempo. Weinreich, Labov e Herzog (1968) demonstram em sua obra que a Linguística Histórica envolve todos os estudos que tratam do funcionamento das línguas a partir de dados datados e localizados. Outra obra clássica, *Sincronia, diacronia e história*, de Coseriu (1979), aponta como históricos todos os estudos linguísticos que tratam do funcionamento sincrônico e do “constituir-se” diacrônico das línguas.

O estudo histórico da língua pode compreender vários aspectos, permitindo a realização de comparações, como:

- a. entre estágios sucessivos de línguas históricas geneticamente relacionadas (ou não);

(ou brasileiros) para compor o nosso *corpus* desse século. A partir do século XVII, selecionamos apenas os textos escritos por brasileiros.

- b. entre estágios sucessivos de uma mesma língua histórica –como é o caso desta tese;
- c. entre variantes dialetais (geográficas, sociais, de registro) de uma língua;
- d. entre gerações conviventes de usuários, como na teoria de variação e mudança laboviana, de uma língua, utilizando o recurso do tempo aparente em contraposição com o tempo real. (Silva, 2004, p.156)

Segundo Paiva e Duarte (2003, p.181), a pesquisa da mudança em tempo real, ao longo do tempo, possibilita reconhecer de maneira eficiente, principalmente, dois tipos de mudanças (p.181):

- a. as que aparecem de forma gradual em uma comunidade linguística;
- b. as que caracterizam a história do comportamento linguístico do indivíduo ao longo da sua vida.

O estudo da mudança em tempo real permite não apenas localizar, como ressaltado na Introdução deste capítulo, o momento de aparecimento (ou morte) de uma determinada variante linguística, mas também “verificar a regularidade na ação dos princípios que regem a variação e subjazem à implantação da mudança” (ibidem, p.182), por isso, neste trabalho, avaliaremos e compararemos os usos e funções do Pretérito Perfeito Simples (PPS) e do Pretérito Perfeito Composto (PPC) no Português Brasileiro (PB), em diversos pontos do tempo (do século XVI ao XX) em textos escritos mais formais e menos formais. Como já afirmava Labov (1972), a compreensão dos fatos passados pode auxiliar na compreensão de fatos no presente e vice-versa.

Porém, o estudo diacrônico envolve alguns problemas, entre eles a ausência de falantes da língua em um tempo passado. Isso leva, como foi o caso desta pesquisa, o linguista a estudar amostras da língua escrita, analisando documentos considerados representativos de uma determinada época, partindo do pressuposto de que

neles se encontram registros de variações e/ou mudanças de uma forma – no nosso caso, as formas simples e composta do Pretérito Perfeito – em um dado momento sincrônico em relação a outro.

Labov (1994, p.11) faz um comentário sobre esses documentos representativos de uma dada época que chegam a nossas mãos e são utilizados em *corpus* para pesquisas diacrônicas, alertando: “os fragmentos da documentação escrita que permanecem são os resultados de acidentes históricos que vão além do controle do investigador”. É por esse motivo que esse sociolinguista define o estudo da mudança no tempo real como a “arte de fazer o melhor uso dos maus dados”.

Com base nessas discussões, trabalharemos sob a perspectiva da Linguística Histórica e da Teoria da Variação e Mudança Linguística, coadunando-nos com Silva (2004, p.156), no seu sentido estrito: o da mudança de uma língua em tempo real de longa duração.

Pretérito perfeito: sucintas definições semânticas

Para realizar a análise das formas do Pretérito Perfeito Simples (PPS) e do Pretérito Perfeito Composto (PPC) do modo indicativo no Português Brasileiro, embasamo-nos teoricamente em estudos semânticos sobre as categorias *tempo* e *aspectos verbais*. Além disso, partimos do princípio de que as interpretações dos tempos verbais no sintagma, na frase e no texto são solidárias e consideramos como núcleo sintático-semântico da frase, o verbo. Admitimos também que as categorias tempo e aspecto não estão apenas morfologicamente amalgamadas no Português, mas também se relacionam estruturalmente do ponto de vista semântico, ainda que muitas vezes seja possível identificar a predominância de uma delas na realização dos enunciados.

Assim, para este capítulo, entendemos como *tempo* uma categoria dêitica que expressa relações de anterioridade ou simultaneidade entre três momentos (Momento da Fala – MF, Momento do Evento – ME, e o Momento de Referência – MR) (Corôa, 1985; Barbosa, 2008); e como *aspecto* uma categoria não dêitica, que quantifica o

evento expresso pelo verbo ou exprime a constituição interna de fases, momentos ou intervalos de tempo que se incluem nesse evento (Corôa, 1985; Barbosa, 2008).

Coadunando com Corôa (1985) e Barbosa (2003, 2008) – ambas fundamentadas nos estudos de Reichenbach (1980) – atribuímos a cada tempo verbal do Português uma definição única e não ambígua⁵, centrando-se na interpretação fornecida pelo morfema modo-temporal do verbo e no auxiliar + verbo principal. Partimos das possibilidades combinatórias dos três pontos temporais reichenbachianos – momentos do evento (ME), da fala (MF) e da referência (MR): ME é o mais concreto, refere-se ao o intervalo de tempo em que decorre o processo, evento, ação ou estado descrito; o MF é o momento da enunciação, ligado àquele da comunicação; e o MR, o mais complexo desses construtos, pode ser um momento mais preciso ou menos preciso, que marca a perspectiva do falante em relação ao evento (Corôa, 1985, p.42)

Desse reconhecimento da não concretude dos momentos⁶ resulta uma grande riqueza de possibilidades para o aproveitamento do esquema de Corôa (1985) na explicação dos diferentes usos e valores dos tempos verbais. Aceitando-se a não concretude dos momentos, elimina-se a necessidade de derivar contextualmente a sua interpretação.

Barbosa (2008), em sua pesquisa, demonstra que tanto o PPS como o PPC devem receber a mesma definição temporal, ME

5 Em vista disso, Barbosa (2008) argumenta que a interpretação semântica do sintagma verbal nem sempre está subordinada à interação com adjuntos – por exemplo, na frase “Eu sou você amanhã”, de um antigo comercial de uísque –, e prefere não adotar a hipótese da polissemia, buscando outras representações mais abstratas para as formas verbais.

6 Os momentos são conjuntos de pontos ou intervalos de tempo, não sendo preciso haver coincidência extensional entre ME, MR e MF para que sejam considerados simultâneos; basta que haja um ponto de coincidência. Por exemplo, nos casos de presente histórico ou dramático, o MR se amplia, deslocando-se para o passado e “abrangendo-o de tal modo que tanto o MF como o ME se incluem no MR. [...] ME e MF não têm necessariamente pontos em comum, mas ambos o têm como o MR” (Corôa, 1985, p.47).

– MR, MF,⁷ e postula que é possível distinguir os pretéritos do ponto de vista aspectual. Para tanto, aproveitou a conceituação de Corôa (1985, p.74), segundo a qual o aspecto é a *quantificação dos subeventos de um evento*. Um subevento é qualquer dos estágios intermediários de um evento, inclusive o inicial e o terminal. O Perfeito Simples se opõe ao Imperfeito, porque no primeiro todos os estágios se realizam no intervalo de tempo compreendido pelo evento em questão e, no segundo, ao menos um subevento se localiza nesse intervalo de tempo. Conciliando a distinção de Corôa (1985) com a função de pluralização de eventos atribuída por Ilari (2001) ao PPC, podemos dizer que no Perfeito Composto mais de um (sub)evento está necessariamente incluído no Intervalo de Tempo (doravante I_t). Se a interação do auxiliar com a base resulta em interpretação iterativa, temos a pluralidade de eventos; numa interpretação durativa, os produtos são subeventos plurais. Essa concepção ajuda a entender porque os (sub)eventos expressos pelo PPC podem ser interpretados como estendendo-se até o presente ou futuro: o fato de alguns estágios se localizarem no intervalo de tempo em questão deixa aberta a possibilidade de que outros estágios venham a se realizar fora desse I_t .

Dessa forma, como se pôde verificar, a análise aspectual permite distinguir semanticamente o PPS do PPC. Após esta breve introdução teórica, temos condições de discutir se tal distinção é suficiente para explicar os usos desses dois tempos no Português Brasileiro e se essas características das duas formas verbais aqui estudadas estão presentes no PB desde o século XVI.

A análise dos dados pautados em *corpus*: o PPC e o PPS no português do Brasil

Para investigarmos os usos do PPC e do PPS do Português do Brasil do século XVI ao XX montamos um *corpus* com textos escri-

7 As vírgulas indicam simultaneidade e os hífens, anterioridade.

tos pertencentes a dois grupos – um mais e outro menos formal – escritos em PB do século XVI ao XX. Após a montagem do *corpus*, selecionamos as ocorrências das formas verbais simples e composta do Pretérito Perfeito do modo indicativo.

Foram, portanto, selecionadas 3.129 ocorrências de Pretérito Perfeito do nosso *corpus* do PB, distribuídas nas formas simples e composta, como mostra a Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Ocorrências do Pretérito Perfeito no PB do século XVI ao XX

	PPC		PPS	
	Nº	↓%	Nº	↓%
XVI	73	25%	595	21%
XVII	40	14%	691	24%
XVIII	77	27%	459	16%
XIX	67	23%	554	20%
XX	30	11%	543	19%
Subtotal₁	287	100%	2842	100%
TOTAL	3129			

Analizamos essas ocorrências de acordo com os seguintes grupos de fatores⁸: (a) tempo real; (b) grau de formalidade dos textos; (c) telicidade do verbo (télico *vs.* atélico); (d) valor semântico (iterativo, durativo e predominantemente perfectivo); (e) presença ou ausência de adjunto adverbial. Em seguida, fizemos o cruzamento do fator “tempo real” com os demais, para melhor interpretarmos os dados e estabelecermos o percurso do PPC e do PPS no Português Brasileiro. Neste capítulo, apresentaremos somente os resultados mais relevantes de alguns desses grupos de fatores.

Confrontando as ocorrências de PPC e PPS em cada século (Tabela 1) – fazendo uma leitura horizontal –, verificamos que, como esperado, desde o século XVI, a forma composta possui baixa ocorrência em relação à forma simples.

8 Utilizamos, para auxiliar a nossa análise, o pacote de programas estatísticos Varbul.

Como pudemos observar na Tabela 1, o PPC manteve, do século XVI ao XIX, uma porcentagem de ocorrências em torno de 20% (variando entre 25% a 27%), com exceção do século XVII em que seu índice de ocorrências é de 14%. Acreditamos que isso ocorre devido às próprias restrições semânticas do Pretérito Perfeito Composto (PPC), já que a forma composta já aparece como um operador quantificacional nesse período, ou seja, os textos que compõem a amostra do século XVII não possuíam contextos em que era necessário o emprego do PPC.

Também verificamos que no século XX a rentabilidade da forma composta cai para 11%, indicando-nos que o PPC no Português Brasileiro (PB), aparentemente, sofre um decréscimo em seu uso. Esse resultado pode estar associado ao fato de que o PPC foi se especializando como um operador quantificacional, deixando de expressar exclusivamente perfectividade e passando a exprimir predominantemente iteração e duração; o decréscimo de seu uso no século XX, então, poderia ser justificado devido às suas restrições semântico-discursivas, que se tornaram mais patentes. Entretanto essa hipótese só pode ser confirmada com a análise dos outros fatores.

Já as ocorrências do PPS (Tabela 1), mostra-nos que a forma simples manteve seu percentual de ocorrências equilibrado no período de tempo que compreende a nossa análise, do século XVI ao XX, variando entre 16% a 24%. O maior rendimento dessa forma aparece no século XVII (24%), ocasionada devido ao maior número de trechos narrativos nos textos que compõem o *corpus* dessa época, como mostram os fragmentos⁹ abaixo:

(01) Meu amantíssimo padre Antônio Maria. (...) *recebi* outras duas cartas, a que não *respondi* até agora por falta de embarcação

9 Os exemplos deste capítulo foram extraídos de um *corpus* organizado especificamente para esta pesquisa, com cartas (doravante CO) e discursos (doravante O) escritos no período de 1500 a 2000 no Brasil. Esses documentos foram digitados pela pesquisadora e estão disponíveis no Laboratório de Lexicografia da Unesp, *campus* de Araraquara.

ou por não ter notícia dela. Agora o farei, não tão largamente como quisera, pela grande consolação que recebo com falar com V. M. [...] Hoje faz oito dias que *degolaram* no nosso terreiro o fidalgo que de lá *veio* preso pelas mortes de sua mulher e filhas, e *foi* a sua cabeça para ser posta no lugar do delito. Queira Deus que este exemplo faça algum fruto; mas que se pode esperar de uma morte quando tantas e tão repetidas não *bastaram* para emendar os que ainda se não acham livres totalmente do perigo? (CO, 1687)

Essa análise do tempo real pode ser correlacionada à análise dos valores semânticos expressos pelas formas simples e compostas. Observemos os resultados encontrados no PPC:

Tabela 2 – Valores aspectuais do PPC no PB: século XVI ao XX

	PPC							
	Perfectivo		Iterativo		Durativo		Total	
	N ^o	→%	N ^o	→%	N ^o	→%	N ^o	→%
XVI	37	51%	30	42%	5	7%	73	100%
XVII	13	33%	26	65%	1	2%	40	100%
XVIII	18	23%	52	68%	7	9%	77	100%
XIX	3	5%	45	67%	19	28%	100	100%
XX	0	–	18	60%	12	40%	30	100%

No Tabela 2 podemos observar que o PPC aparece no século XVI com 51% de ocorrências com valor exclusivamente perfectivo em relação aos outros valores aspectuais. Essa porcentagem vai diminuindo ao longo dos séculos (33% no XVII, 23% no XVIII e 5% no XIX) até chegar ao século XX sem nenhuma ocorrência da forma composta expressando estritamente valor de um evento “acabado”. Isso nos mostra que o PPC foi gradativamente se especializando no PB, tornando-se um operador aspectual (iteração e duração).

Para ilustrar as ocorrências do PPC com valor apenas perfectivo, observemos os seguintes exemplos:

(02) Trabalhamos de saber a lingua delles e nisto o padre Navarro nos leva vantagem a todos. *Temos determinado* ir viver com as aldeias, como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingua e il-os doutrinando pouco a pouco. (O, 1549)

(03) eu as que poderei dar a V. Ex^a minhas são de que *tenho chegado* a esta Capital no dia 31 de outubro (O, 1769)

Nesses exemplos, as formas compostas podem ser substituídas pela forma simples, sem alterar o sentido do texto:

(02') Trabalhamos de saber a lingua delles e nisto o padre Navarro nos leva vantagem a todos. *Já DETERMINAMOS* ir viver com as aldeias, como estivermos mais assentados e seguros, e aprender com elles a lingua e il-os doutrinando pouco a pouco. (O, 1549)

(03') [...] eu as que poderei dar a V. Ex^a minhas são de que CHEGUEI a esta Capital no dia 31 de outubro (O, 1769)

É importante destacar que, no século XIX, as três ocorrências do PPC apenas com valor de um evento que está concluído dentro de um intervalo de tempo (perfectivo) foram acompanhadas do adjunto adverbial “já”; ou seja, a combinação PPC+adjunto adverbial (já) resultou em uma interpretação exclusivamente perfectiva, como em:

(04) Meu caro Barão *já* lhe *tenho escrito* diversas cartas mas ainda não tive o prazer de reconhecer nas que recebo da Europa a sua caligrafia. (CO, 1881)

Isso indica que, já no século XIX, o PPC era utilizado preferencialmente expressando iteração e duração. É importante salientar que a combinação PPC+adjunto adverbial (já) também aparece nos séculos XVI, XVII e XVIII:

(05) Por outras cartas vos *tenho já escrito* de minha disposição, a qual cada dia se renova, de maneira que nenhuma diferença ha de mim a um são, ainda que algumas vezes não deixo de ter algumas relíquias das enfermidades passadas. (CO, 1554)

(06) Já *tenho advertido* a Vossa mercê se não intrometa na jurisdição dos juizes câmaras dessa Capitania não embaraçando as acusações e diligências da justiça, porque de qualquer procedimento desta têm as partes o recurso ordinário de que devem usar quando se achem agravadas, agora se queixa o juiz e oficiais da Câmara da vila da Vitória, do excesso com que Vossa Mercê se houve acerca de uns barreiros e como este procedimento é incivil e extraordinário; advirto a Vossa Mercê se abstenha destes excessos por serem contra o serviço de Sua Majestade. (CO, 1751)

No Tabela 2 também podemos constatar que o PPC com valor iterativo ocorre com menor índice no século XVI (42%), aumentando a partir do século XVII para índices que ficam entre 60% e 68%. O valor durativo também aparece desde o século XVI (7%), porém, ao contrário do iterativo, torna-se mais produtivo somente nos séculos XIX (28%) e XX (40%). O uso mais frequente da forma composta com valor aspectual predominantemente iterativo no século XX (60%) confirma as hipóteses de Boléo (1936), Viana (1901) e Ilari (2001) sobre os usos da forma composta:

- (i) “o passado composto exprime iteração” (Ilari, 2001, p.134);
- (ii) o “PC assume eventualmente valor de continuidade [duração]” (ibidem, p.143). Esse “eventual” valor aspectual durativo do PPC, como veremos, está relacionado, como já apontava Castilho (1966, 1968), ao semantema do verbo (no caso, a telicidade verbal).

Assim, podemos afirmar que os resultados acima expostos comprovam que o PPC foi se estabelecendo ao longo do tempo no PB como um operador aspectual, deixando de expressar perfectividade e passando a expressar valores [+genéricos] e [+indefinidos].

Cabe ressaltarmos que, ao analisarmos essas ocorrências, o valor exclusivamente perfectivo do PPC era explícito, como no exemplo abaixo:

(07) Tambem mepareseu dizer a vossa excellenca que he muito nesario que vossa excellenca mande dar ademe nistrasam aos reli- giosos do Carmo do Convento de mogi por estar no destrito ou a outro qualquer que vossa excellenca for servido, para que posam por hú religioso capaz para o ademenistrar e o doutrinar por que de prezente estam morendo sem com fisam e sacramentos por ser distantes dehuã vila eoutra e como *tem falesido* o Cappitam mor da dita aldea hé nesario que vossa excellenca sendoser vido mande prover outro eomais capaz que ha hé hú por nome Sebastião da Silva que he oportador desta eser muito zelozo para as couzas da aldea. (O, 1720)

Nesse exemplo o próprio verbo principal “falecer” (classificado como tético) não permite uma interpretação iterativa ou durativa, sendo possível a substituição da forma composta pela simples:

(07') [...] Como *FALECEU* o Cappitam mor da dita ALdea hé nesario que vossa excellenca sendoser vido mande prover outro eomais Capaz [...]

Cabe ressaltar que, em situações em que o PPC é usado com valor predominantemente perfectivo, o seu uso não parece ser idên- tico ao PPS; em alguns casos é possível interpretar que o falante quer, além de marcar um “evento acabado” dentro de um intervalo de tempo, também enfatizar o término do evento, como em:

(08) Até agora sempre tenho estado em Piratininga, que é a pri- meira aldeia de Índios, que está 10 léguas do mar, como em outras cartas *tenho escrito*, em a qual estarei por agora, porque é terra mui boa; e porque não tinha purgas nem regalos de enfermaria. (CO, 1554)

Em que podemos entender como “PPS+já” : :

(08') Até agora sempre tenho estado em Piratininga, que é a primeira aldeia de Índios, que está 10 léguas do mar, como em outras cartas *JÁ ESCREVI*, em a qual estarei por agora, porque é terra mui boa; e porque não tinha purgas nem regalos de enfermaria. (CO, 1554, destaque e alteração de texto nossa)

Entretanto, em outros casos tivemos dificuldades de estabelecer se o PPC estava expressando predominante valor perfectivo ou se estava, juntamente com esse valor, exprimindo também iteração e duração, como ocorre no Português Brasileiro contemporâneo. Isso se deu, principalmente, em textos escritos em séculos anteriores, e embora recorrêssemos ao contexto (mais amplo), nem sempre conseguimos chegar a uma conclusão exata, como ocorre em:

(09) [...] os favores que devem esperar de sua Real grandeza; e de que e hei de ser, assim enquanto, no Brasil estiver, como depois de me ver na Corte, um solicito instrumento; porque confesso a Vossas Mercês, que me veio, obrigadíssimo a tudo o que Vossas Mercês me escrevem. Ficaré Sua Majestade entendendo, quão diversa é a opinião que o nome de Paulistas tem granjeado no conceito de alguns, contra o zelo, e a mor que mostram ter a seu Real serviço, e eu tenho experimentado em Vossas Mercês, por cujas palavras ouço a todos esses Povos, que em Vossas Mercês se representam Sua Majestade *tenho proposto* o único meio de se mandar o dinheiro dessas Capitánias, a esta Casa da Moeda, sem os inconvenientes das distancias, e rios que ha por terra; e da pouca segurança das embarcações da costa, para poder vir sem perigo: e é passarem por aqui as frotas do Rio de janeiro, quando, daquele porto vierem, para trazerem o dinheiro, e quando voltarem de Portugal, para o levarem. (CO1630)

(09') [...] os favores que devem esperar de sua Real grandeza; e de que e hei de ser, assim enquanto, no Brasil estiver, como depois de

me ver na Corte, um solícito instrumento; porque confesso a Vossas Mercês, que me veio, obrigadíssimo a tudo o que Vossas Mercês me escrevem. Ficará Sua Majestade entendendo, quão diversa é a opinião que o nome de Paulistas tem granjeado no conceito de alguns, contra o zelo, e a mor que mostram ter a seu Real serviço, e eu tenho experimentado em Vossas Mercês, por cujas palavras ouço a todos esses Povos, que em Vossas Mercês se representam Sua Majestade (JÁ?) *PROPUS* o único meio de se mandar o dinheiro dessas Capitãias, a esta Casa da Moeda, sem os inconvenientes das distancias, e rios que ha por terra; e da pouca segurança das embarcações da costa, para poder vir sem perigo: e é passarem por aqui as frotas do Rio de Janeiro, quando, daquele porto vierem, para trazerem o dinheiro, e quando voltarem de Portugal, para o levarem. (O, 1640, alteração e destaque no texto nossa)

Nesse exemplo, as interpretações aspectuais possíveis seriam:

- (i) de um evento “acabado”, ou seja, exprimindo uma noção exclusivamente perfectiva, ou
- (ii) de um evento que se repete dentro de um intervalo de tempo (iteração).

Acabamos considerando o valor aspectual da ocorrência de PPC, do exemplo (09), como iterativa, pois o contexto da carta aponta para uma proposta que o emissor já estava fazendo por repetidas vezes. Outro exemplo seria:

(10) Vi a conta que Vossas Mercês me deram na sua carta de dez do corrente, sobre o excesso com que. Padre Fernandes Aranha procedia mandando arrancar perniciosamente as mandiocas, que Mais de 5 lavradores assistentes nas suas terras, *tem plantado* nelas. (CO, 1748)

Aqui também poderíamos entender “tem plantado” como uma ação que se repete ao longo de um intervalo de tempo, porém optamos por uma interpretação exclusivamente perfectiva, já que o

contexto nos leva a entender que os lavradores já haviam plantado as mandiocas e que elas foram arrancadas “perniciosamente” pelo Padre Fernandes Aranha.

Essa dificuldade de chegarmos, em alguns casos, a uma conclusão exata de com qual valor semântico aspectual predominante o Pretérito Perfeito Composto (PPC) foi empregado em outros séculos, revela-nos que, provavelmente, essa forma passou por um período de variação, em que o seu uso com valor quantificacional já era permitido, mas ainda não estava cristalizado, pois em alguns contextos – do mesmo período – ainda podemos encontrar, claramente, o seu emprego com valor estritamente perfectivo.

Observemos agora os resultados encontrados no PPS.

Tabela 3 – Valores aspectuais do PPS no PB: século XVI ao XX

	PPS							
	Perfectivo		Iterativo		Durativo		Total	
	Nº	→%	Nº	→%	Nº	→%	Nº	→%
XVI	589	99%	0	0%	6	1%	595	100%
XVII	681	98,6%	1	0,1%	9	1,3%	691	100%
XVIII	448	98%	0	0%	11	2%	459	100%
XIX	542	98%	0	0%	12	2%	554	100%
XX	538	99%	1	0,7%	4	0,7%	543	100%

Por outro lado, na Tabela 3, vemos que o PPS exprime valor perfectivo desde o século XVI, mantendo um percentual de ocorrências constante até o século XX: 99% no XVI, 98,6% no XVI, 98% no XVIII e no XIX e 99% no XX. Isso implica que no PB o Pretérito Perfeito Simples sempre atuou com valor aspectual predominantemente perfectivo. Além disso, verificamos que, acompanhado de adjunto adverbial, o PPS também pode, a seu modo, expressar eventos plurais: o número de ocorrências do PPS exprimindo duração foi constante (variou entre 1% e 2% das ocorrências) nos séculos XVI ao XX; já com valor iterativo, encontramos apenas duas ocorrências, uma no século XVII e outra no XX.

Outro grupo de fator que nos auxiliou a refinar a nossa pesquisa, principalmente, nos resultados relacionados aos valores aspectuais e à presença/ausência de adjunto adverbial foi a “telicidade do verbo”. A tipologia verbal, muitas vezes, influencia na ocorrência de um determinado valor aspectual. Castilho (1968) aponta a telicidade verbal como um possível condicionante para manifestação dos valores aspectuais iterativos e durativos do PPC: o primeiro valor estaria relacionado a verbos téllicos e o segundo, a verbos atélicos. Além disso, Comrie (1976, p.46-7) argumenta que um verbo téllico associado ao PPS sempre resulta em uma noção aspectual perfectiva.

Seguindo essas motivações, testamos essas hipóteses e analisamos os verbos principais (ou verbo base) encontrados nas ocorrências do PPS e do PPS. Primeiramente, comentamos os resultados observados nas formas compostas.

Tabela 4 – O PPC e a telicidade dos verbos base nos séculos XVI ao XX

	PPC					
	Téllico		Atéllico		TOTAL	
	N ^o	→%	N ^o	→%	N ^o	→%
XVI	65	89%	8	11%	73	100%
XVII	29	72%	11	28%	40	100%
XVIII	56	73%	21	27%	77	100%
XIX	45	67%	12	33%	67	100%
XX	12	40%	18	60%	30	100%

A tabela acima revela uma predominância de verbos téllicos nos séculos XVI ao XIX. Esse resultado confirma a proposta de Castilho, pois o compararmos com os da Tabela 2 e verificaremos que o PPC é utilizado com maior frequência nesses séculos para expressar duas noções aspectuais: exclusivamente perfectiva (principalmente, no século XVI) e predominantemente iterativa. Para testarmos essa hipótese, realizamos o cruzamento dos fatores “telicidade” *versus* “valores aspectuais” nos séculos XVI ao XIX, para ilustrar os resultados, apresentamos os do século XVI.

Tabela 5 – Valores aspectuais do PPC *versus* telicidade do verbo principal no século XVI

Século XVI	PPC					
	Télico		Atélico		TOTAL	
	N ^o	→%	N ^o	N ^o	→%	N ^o
Iteração	30	97%	1	3%	31	100%
Duração	–	–	6	100%	6	100%
Perfectivo (exclusivamente)	35	97%	1	3%	36	100%

Como podemos verificar, o resultado do cruzamento no século XVI (assim como no do século XVII, XVIII e XIX) confirmou a hipótese mencionada acima: a porcentagem maior de verbos atélicos está diretamente relacionada à maior ocorrência dos valores aspectuais perfectivo e/ou iterativos expressos pela forma composta no período analisado. Vejamos dois exemplos:

(11) E se isto custar alguma cousa ele o enviará de cá em açúcar. Haja lá algum virtuoso que lho empreste, porquanto me achei nestas necessidades e com grande desejo de ver tantas almas remediadas. Escrevo isto a V. R. para a primeira embarcação mandar resposta a esta capitania de São Vicente. Os demais escreverei para ida dos navios, se me achar em parte para isso; a senão Padres e Irmãos suprirão. A uma carta, que neste São Vicente recebi, *tenho já respondido*. As que vierem por via da Bahia ainda não as v. É mais fácil vir de Lisboa recado a esta capitania do que da Bahia. (O, 1540)

(12) Há bastante tempo que não *tem chegado* a esta Bahia embarcação alguma desse Rio, nem também a sumaca em que se dizia vinham cartas de Lisboa que haviam vindo na frota, sem embargo de Vossa Senhoria não me falar nesta matéria. (CO, 1734)

Em (11), temos um caso de verbo télico – “responder (a carta)” –, que, conjugado no Pretérito Perfeito Composto, passa a expressar um valor exclusivamente perfectivo: a carta que ele, o jesuíta, já escreveu ao seu superior. No exemplo (12), temos também um

verbo télico (chegar), que, ao ser conjugado no PPC, exprime valor iterativo: o evento “chegar” se repete dentro de um I_t .

Por outro lado, a menor ocorrência de verbos atélicos nos séculos XVI ao XIX pode ter influenciado o baixo rendimento do PPC com valor durativo, ou seja, a baixa frequência de noções durativas estaria associada ao baixo rendimento dos verbos atélicos. Já no século XX, aparentemente, temos um resultado oposto: encontramos uma maior ocorrência de verbos atélicos (60%). Entretanto, ao cruzarmos esses resultados com os valores aspectuais das formas compostas durante esse mesmo período temos o seguinte quadro:

Tabela 6 – Valores aspectuais do PPC *versus* telicidade do verbo principal no século XX

Século XX	PPC					
	Télico		Atélico		TOTAL	
	Nº	→%	Nº	Nº	→%	Nº
Iteração	12	67%	6	33%	18	100%
Duração	0	–	12	100%	12	100%
Perfectivo (exclusivamente)	–	–	–	–	–	–

O cruzamento dos fatores permitiu que pudéssemos observar que a maioria das ocorrências expressando iteração (67%) ocorreu com verbos télicos, e todas as ocorrências de PPC com valor durativo ocorreram com verbos atélicos. Esses resultados confirmam, assim, a hipótese de Castilho, como mostra os exemplos abaixo:

(13) Até aqui o nosso pobre livro *tem vivido* à sombra dos privilégios concedidos à imprensa e às revistas. (CO, 1926)

(14) Meu filho, *tenho andado* muito preocupada. Como você é jornalista e conhece muita gente de proa, quem sabe você possa interferir com elas por sua mãe? (CO, 1977)

(15) O que *tem faltado*, quase sempre – no nível do estado – é uma prática coerente com aquela. (O, 1990)

(16) *Tenho aberto* os primeiros caminhos, construído casas de trabalhadores, paiois etc. Está lindo! É adiante dos Pereiras. A roça de milho chama a atenção, é um mar de milho! O café está fora de cova. Preparo terra para feijão, uma roça monstro, de 50 alqueires! (CO, 1916)

Em (13) e (14), temos exemplos de ocorrências de *verbos atélicos+aspecto durativo*, já nos exemplos (15) e (16), encontramos verbos *télicos+aspecto durativo*.

Os resultados da análise dos verbos flexionados no PPS foram:

Tabela 7 – O PPS e a telicidade dos verbos base nos séculos XVI ao XX

	PPS					
	Télico		Atélico		total	
	N ^o	→ %	N ^o	→ %	N ^o	→%
XV	399	67%	196	33%	595	100%
XVII	463	67%	228	33%	691	100%
XVIII	327	71%	132	29%	459	100%
XIX	380	69%	174	31%	554	100%
XX	373	69%	170	31%	543	100%

Esses resultados validam as afirmações de Comrie, que sugere uma associação de valores entre o perfectivo e os verbos télicos. Como podemos perceber na Tabela 7, em todos os séculos os verbos que obtiveram maior número de frequência foi o télico. Novamente, se fizermos um cruzamento desses resultados com os dos valores aspectuais do PPS mostrados na Tabela 3, podemos verificar que há uma predominância de praticamente 99% de valor perfectivo. Podemos ilustrar a ocorrência de *verbo télico+valor perfectivo*, com PPS, nos exemplos (17) e (18), e *verbo atélico+mais valor durativo* (predominantemente), no exemplo (19) abaixo:

(17) E nós nos enganamos, hein? A gente pensou que o Carlos Lacerda tinha morrido, mas quem *morreu* foi outro. (CO, 1977)

(18) Lino Não sei por onde nem como principiar; o Cenáculo confiscou-nos as chapas, as coitadinhas, tão prestimosas e serviçais, sempre nítidas e luzidias do uso ininterrupto; proibiu terminantemente a banalidade; *baniu* para os quintos do inferno os velhos assuntos de cartas. (CO, 1904)

(19) Sempre senti, desde o primeiro momento, quando ainda governador, a profunda, a justa revolta do povo brasileiro. (O, 1990)

Por fim, apresentamos as ocorrências das formas simples e composta, separando-as de acordo com o tipo de texto em que elas foram encontradas: textos [+] formais e textos [-] formais.

O resultado da análise do PPC nesse grupo foi o seguinte:

Tabela 8 – O PPC e o grau de formalidade dos textos nos séculos XVI ao XX

	PPC					
	[+] Formal		[-] Formal		TOTAL	
	Nº	→%	Nº	→%	Nº	→%
XVI	41	56%	32	44%	73	100%
XVII	7	18%	33	82%	40	100%
XVIII	17	22%	60	78%	77	100%
XIX	33	49%	34	51%	67	100%
XX	13	43%	17	57%	30	100%

Podemos observar que, no século XVI, o PPC possui maior rendimento em textos [+] formais (56%). Podemos justificar esse maior número de ocorrências nesse tipo de texto fazendo a correlação desse resultado com os encontrados para os valores aspectuais da forma pretérita composta – em que verificamos um número elevado de ocorrências do PPC com valor exclusivamente perfeito (51%). Para confirmarmos essa hipótese, voltamos aos dados e constatamos que o PPC teve maior número de ocorrências em textos formais, pois foi nesse tipo de texto que encontramos um número

maior de ocorrências da forma composta expressando um valor que se perdeu ao longo dos séculos: valor aspectual estritamente perfectivo. Sendo assim, podemos afirmar que no século XVI o grau de formalidade influenciou na rentabilidade das formas compostas, já que os textos desse grupo estão mais presos às normas gramaticais e, por isso, mais resistentes à mudança (ou seja, à cristalização do uso do PPC com valores aspectuais iterativos e durativos).

Nos séculos XVII e XVIII, embora o PPC apareça com maior ocorrências em textos [-] formais, 82% e 78% respectivamente, ao retomarmos novamente os resultados da Tabela 2 (Valores aspectuais do PPC – século XVI ao XX), verificamos que nesses séculos já encontramos um maior rendimento do PPC com valores predominantemente iterativos (no XVII, 65% e, no XVIII, 68%). A partir desses dados podemos levantar a hipótese de que, a partir do século XVII, o grau de formalidade não vai influenciar a rentabilidade da forma composta; o que irá motivar a sua ocorrência é o contexto em que é empregada: situações em que o falante quer expressar eventos plurais de maneira genérica e indefinida, por exemplo:

a) no século XVII:

(20) Mas por que não cuidem, os que me ouvem, que nestas duas comparações da túnica de Antônio com a capa de José e vestiduras de Estêvão *tenho dito* alguma coisa, passemos, ou voemos mais alto, e, com a devida reverência, peçamos licença àquele benigníssimo Senhor que Santo Antônio tem nos braços, para que neste caso nos lembremos também dos seus vestidos, pois está sem eles. Pregado Cristo na cruz, em cumprimento da profecia: *Diviserunt sib vestimenta meã*, tomaram os soldados que tinham crucificado ao Senhor suas sagradas vestiduras, para as repartirem entre si. Estas vestiduras, segundo o uso comum com que se vestiam os hebreus, eram uma túnica comprida até os pés, e com mangas, e

sobre esta um manto quadrado, com que se cobriam, como nós com a capa. (O, 1657)

b) no século XVIII:

(21) Vi as cartas de Vossa Mercê em que me avisa do estado em que se acham as madeiras, sua condução, e sobre as mais dependências dessa feitoria, estimei muito que Vossa Mercê visse tudo, e as notícias que me dá quanto às dúvidas que se lhe põem aos telheiros, só em uma parte tem razão, que é em dizer também se devem fazer nos outros portos aonde vêm para as madeiras, no que não em dizer que se hão de conservar melhor sem eles, porque a experiência nos *tem mostrado*, que todos quantos se tem feito, sem esta prevenção se tem corrompido, e perdido as madeiras, e sua despesa, pelo que o Mestre se lembre do que me disse tocante à cidade Pernambuco, e esquece-se de que muitas vezes me falou na necessidade de telheiro, e em tudo. Determinava fazer junto às casas do homem que mora naquele porto e em que se achavam os paus, pegado ao dela: carpinteiro parece bom homem. (CO, 1723)

c) no século XIX:

(22) [...] assumi a suprema direção dos negócios públicos e, do que *tenho feito*, na órbita administrativa, vos informarão minuciosa e circunstanciadamente os relatórios. (O, 1895)

d) no século XX:

(23) Esta Comissão Parlamentar de Inquérito *tem realizado* uma tarefa realmente meritória e já convocou, para prestar depoimentos, algumas das figuras mais importantes da área fiscal. (O, 1974)

Observemos agora as ocorrências do PPS em diferentes séculos e a suas relações com grau de formalidade:

Tabela 9 – O PPS e o grau de formalidade dos textos nos séculos XVI ao XX

	PPS					
	[+] Formal		[-] Formal		TOTAL	
	N ^o	→%	N ^o	→%	N ^o	→%
XV	268	45%	327	55%	595	100%
XVII	334	48%	357	52%	691	100%
XVIII	206	45%	253	55%	459	100%
XIX	228	41%	326	59%	554	100%
XX	145	27%	396	73%	543	100%

A tabela acima nos mostra que o PPS predomina em textos informais dos séculos XIX (59%) e XX (73%). Acreditamos que isso ocorra devido os tipos de textos que compunham esse grupo: eram cartas que, em sua maioria, continham narrações de fatos que ocorriam com o escritor.

Já nos séculos XVI, XVII e XVIII quase não houve diferença do número de ocorrências da forma simples nos textos formais e informais (aproximadamente 50% em cada tipo de texto), pois os textos que compunham o *nosso corpus* correspondente a essas épocas, tanto [-] formal como [+] formal, possuíam trechos em que o escritor ora narrava fatos acontecidos no Brasil ou com ele, ora comentava a situação socioeconômica do Brasil. Portanto, podemos concluir que o grau de formalidade parece não influenciar na rentabilidade do PPS.

Assim os resultados das Tabelas 8 e 9 revelam que, com exceção da forma composta no século XVI, o que pode condicionar o emprego das duas formas pretéritas analisadas é a situação textual (contextos que favoreçam os usos das formas pretéritas de acordo com a intenção comunicativa do falante), e não o grau de formalidade do texto.

Considerações finais

Ao analisarmos e compararmos as ocorrências do Pretérito Perfeito Simples (PPS) e do Pretérito Perfeito Composto (PPC) no

Português Brasileiro (PB) confirmamos a nossa hipótese de que essas formas verbais se distinguem pelos seus valores aspectuais e não pelos valores temporais. Sob esse ponto de vista temos a seguinte caracterização semântica para cada uma das formas pretéritas estudadas:

- (a) no Pretérito Perfeito Simples todos os estágios se realizam dentro do intervalo de tempo (I_t) compreendido pelo evento;
- (b) no Pretérito Perfeito Composto, mais de um estágio ou *evento completo* está necessariamente incluído no I_t , podendo a interação do auxiliar com a base resultar em duas interpretações baseadas em seus valores aspectuais: iteração e duração.

Essa proposta de caracterização do PPC ajuda-nos a entender por que os eventos (ou estágios) expressos por essa forma verbal podem ser interpretados como se estendendo até o presente ou futuro: o fato de certos eventos/estágios se localizarem no intervalo de tempo em questão abre a possibilidade para que outros eventos/estágios venham a se realizar fora desse I_t .

Sendo assim, o PPC pode, além de marcar tempo pretérito, constituir-se em operador de aspecto quantificacional, que produz como resultado eventos plurais relacionáveis à continuidade (duração) ou descontinuidade (iteração). O Pretérito Perfeito Simples (PPS) também pode expressar a pluralização de eventos, mas não de maneira explícita como a forma composta, precisa estar combinado com um adjunto adverbial.

O estudo diacrônico apresentado nos mostrou que essa distinção aspectual entre o PPS e o PPC encontrada (e perceptível) no português atual se consolidou apenas no século XX, pois no período compreendido entre os séculos XVI ao XIX podemos encontrar ocorrências de PPC com valor semelhante ao de outras línguas românicas, como o francês, e ao nosso PPS: exclusivamente perfectivo.

Esse resultado permitiu-nos concluir que os valores que atualmente atribuímos ao PPC já podiam ser encontrados no século XVI, embora com menos vitalidade. Isso implica que essa característica já existia no Português Europeu (PE) e chegou até nós com a vinda dos colonizadores e dos jesuítas.

O estudo histórico do PPC revelou-nos, também, que, a partir do século XVII, a percentagem de ocorrências dessa forma, com valor exclusivamente perfectivo, vai diminuindo, chegando ao século XIX com apenas 5% e caindo em desuso no século XX.

Quanto aos resultados do Pretérito Perfeito Simples (PPS), observamos que essa forma sempre exprimiu o valor exclusivamente perfectivo. Entretanto, como já salientamos, a seu modo, combinado com adjunto adverbial, também pode ser utilizado para expressar iteração e/ou duração:

(24) Ele sempre gostou muito de Maria.

Por meio deste estudo diacrônico, tentamos refazer o percurso, desde a sua origem, das duas formas do Pretérito Perfeito do modo indicativo no Português Brasileiro (PB). Acreditamos que o “passado é por definição, um dado que coisa alguma pode modificar”, mas o conhecimento do passado pode ser constantemente descoberto, transformado.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, J. B. *Tenho feito/fiz a tese: uma proposta de caracterização do Pretérito Perfeito no português*. Araraquara, 2008. 282fls. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.
- BARBOSA, J. B. *Os tempos do pretérito no português brasileiro: perfeito simples e perfeito composto*. Araraquara, 2003. Dissertação (Mestrado) – Unesp, Araraquara, 2003.
- BOLÉO, M. de P. *O pretérito e o perfeito em português, em confronto com as outras línguas românicas*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1936.

- CASTILHO, A. T. A sintaxe do verbo e os tempos do passado em português. *Alfa*, 9, Marília, FFCL, 1966, p.105-53.
- _____. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1968.
- COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução a sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.
- COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Universidade de São Paulo, 1979.
- ILARI, R. Notas para uma semântica do passado composto em português. *Revista Letras*, Curitiba, n. 55, p. 129-52, jan./jun. 2001.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. A. Mudanças linguísticas: observações no tempo real. In: MOLLICA, M. L. & BRAGA, M. C. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.179-90.
- REICHENBACH, H. *Elements of symbolic logic*. Nova Iorque: Dover, 1980 [1947].
- SILVA, R. V. M.. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- VIANA, A. R. G. *Le portugais: phonétique et phonologie, morphologie, textes*. Leipzig: Teubner, 1901.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for historical linguistics: a symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968. p.95-199.